



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **A LITERATURA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA: TRABALHANDO COM CONTOS BRASILEIROS E ANGOLANOS**

Maria Aparecida Rita Moreira  
UFSC/Secretaria do Estado de Educação de Santa Catarina  
[cida25fevereiro@gmail.com](mailto:cida25fevereiro@gmail.com)

A literatura por meio de sua linguagem ficcional pode ser utilizada de maneira positiva para uma releitura da realidade, uma crítica de situações preconceituosas, permitindo ao professor trabalhar com o imaginário da criança e/ou do adolescente, de modo a fazê-lo refletir sobre sua maneira de se ver e ver o outro. Trabalhar a temática da cultura africana e afro-brasileira a partir de livros literários pode levar a criança e o adolescente a perceber e re-elaborar os conceitos e pré-conceitos impostos a eles pela sociedade. A Lei 10.639 de 2003 abre espaço para esta discussão nas escolas brasileiras.

Este estudo irá discorrer sobre um curso de formação continuada para professores e professoras de língua portuguesa das escolas públicas de Santa Catarina, em andamento, no qual se explora contos afro-brasileiros e angolanos permeados por textos teóricos.

O título do estudo “A literatura no contexto da sala de aula: trabalhando com contos brasileiros e angolanos” nos remete para sala de aula, cabe esclarecer que este curso de formação elaborado para professores e professoras tem como fim o(a) aluno(a). Logo, a sala de aula estará aqui representada pela figura do professor e da professora, sendo este(a) mediador(a), a quem o curso convida a discutir possibilidades de aplicar a Lei 10.639.

A ideia de discutir a literatura afro-brasileira com professores e professoras da rede pública do estado de Santa Catarina, primeiramente fez parte do projeto de minha tese de doutorado. Nesse projeto, o curso tinha um formato presencial, tendo assumido, posteriormente, formato de Educação a Distância.

### 1. Da formatação do curso

O curso que será apresentado aqui tem como suporte o disposto na Lei que inclui



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" (aspas da Lei), além de explorar teorias relacionadas com a literatura afro-brasileira e africana e as implicações do racismo na sociedade e na escola.

Questionamentos referentes à aplicação da Lei nas escolas motivaram o desenvolvimento do meu projeto de doutorado. Buscando respostas, num primeiro momento, fiz o recorte da literatura infanto-juvenil. Esse recorte inicial gerou um primeiro projeto que tinha como centro a literatura afro-brasileira voltada para um público juvenil.

O projeto, a seleção e o ingresso no doutorado em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina aconteceram sucessivamente. Após o ingresso se iniciaram as disciplinas e o contato com a literatura africana. Esse novo universo tão distante e tão próximo do brasileiro, fez com que a literatura angolana fosse incorporada a ideia inicial.

Repaginada, a linha de pesquisa seguiu em frente. Foram surgindo os escritores e suas histórias. Escritores afro-brasileiros, como Conceição Evaristo, mostraram uma literatura brasileira “negra”, escritores como Luandino Vieira, apontaram para uma literatura angolana, com realidade “brasileira”. Essas novas nuances foram traçando a tessitura do estudo a ser desenvolvido. Conceição Evaristo e Luandino Vieira foram a porta de entrada para os escritores afro-brasileiros e angolanos que começaram a desfilar seus contos. A ideia de levar os contos afro-brasileiros e angolanos para sala de aula começava a se delinear, ia saindo do papel, e os professores de língua portuguesa se tornavam cada vez mais público alvo dos estudos a ser desenvolvidos.

Com um pé na sala de aula, chão para o qual todos os textos começaram a ser direcionados, surge o curso de formação continuada de literatura para professores de língua portuguesa da rede pública estadual de Santa Catarina. Para esta inserção, esbocei um curso, no segundo semestre de 2010, com o objetivo de oportunizar reflexões sobre a diversidade étnico-racial e cultural no contexto escolar brasileiro a partir da comparação de contos Afro-brasileiros e angolanos. O curso para professores de Língua Portuguesa amadurece, partindo do pressuposto de que, apesar da Lei que dispõe sobre o ensino da literatura afro-brasileira e africana nas escolas de Educação Básica ser de 2003, a maioria dos professores de língua portuguesa das escolas públicas do estado de Santa Catarina não receberam formação continuada para auxiliá-los no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

conhecimento e reflexão do enfoque afro-brasileiro da literatura e que os oportunizasse contatos com a literatura africana.

Juntamente com a necessidade de aproximar a Lei 10.639 do cotidiano dos professores de língua portuguesa, chegava a hipótese de que, sem conhecimento/embasamento teórico, os professores teriam dificuldade de identificar textos literários que mostrassem uma literatura afro-brasileira, da mesma forma seria impossível a estes profissionais apresentar a seus alunos a literatura africana de língua portuguesa, uma vez que, a maioria deles, nunca teve contato com escritores africanos, o que justificaria uma formação em Literatura afro-brasileira e africana.

A formação, fruto das inquietações apresentadas, é a base deste estudo. Ressaltando que aqui será apresentado: o passo-a-passo para concretização do projeto, a recepção à chamada para a formação, a construção do curso e as primeiras percepções dos professores no contato com os conteúdos propostos.

## 2. Do passo-a-passo

O curso de formação acontece numa parceria entre a Secretaria de Estado de Educação e o Departamento de Metodologia da Universidade Federal de Santa Catarina. A ideia do curso surge em 2010. Para o seu desenvolvimento foi utilizado o Educad (Educação Continuada a Distância), espaço que tem por objetivo proporcionar Formação Continuada aos professores das diferentes disciplinas curriculares da Educação Básica e faz parte do portal da Secretaria de Educação (SED) do Estado de Santa Catarina. Para sua manutenção no portal, o curso conta com uma funcionária da SED, Denise Naccari, responsável por toda a parte administrativa e dos recursos tecnológicos do curso, que vai desde a pré-inscrição dos professores e professoras até o acompanhamento diário, visualizando e respondendo eventuais dúvidas dos cursistas no uso das ferramentas do curso. As responsáveis pedagógicas são a funcionária da SED e doutoranda de literatura, Maria Aparecida Rita Moreira, que atua como professora e tutora da turma, e a professora doutora Eliane Santana Dias Debus, assessora e coordenadora do projeto pela UFSC.

### 2.1. Da construção do curso

O curso começou a ser desenhado no segundo semestre de 2010, nesse período, foi



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pensado o número de módulos, a quantidade de contos e os que seriam trabalhados. O número de módulos, entre o primeiro levantamento e a publicação no Educad, sofreu alterações. O número de contos chegou a um total de doze, sendo seis brasileiros e seis angolanos. Decidi, nesse ínterim, que os contos selecionados seriam os mesmos de minha tese, aproveitando para interagir com minha orientadora, professora doutora Simone Pereira Schmidt e minha co-orientadora professora doutora Eliane Santana Dias Debus sobre a escolha e os encaminhamentos literários do curso. Após a determinação do número de contos, teve início a seleção dos mesmos. A primeira contista escolhida foi Conceição Evaristo, seus contos, na maioria publicados em “Cadernos Negros” podem ser utilizados, com certeza, como pano de fundo para as discussões em torno da literatura afro-brasileira. Após Conceição Evaristo foram surgindo Cuti, Nei Lopes, Júlio Emílio Brás e por último, Georgina Martins. Num primeiro momento foi pensado um perfil para os escritores afro-brasileiros dentro de um “critério étnico”, que, segundo Pereira<sup>1</sup>, vincula a obra à origem negra ou mestiça do autor. Dentro deste critério se encaixam os quatro primeiros escritores citados, Georgina Martins foi escolhida pelo “critério temático”. Na escolha dos escritores angolanos, o primeiro nome foi o de Luandino Vieira, em seguida surgiu, Maria Celestina, por trazer uma literatura direcionada aos adolescentes; Ondjaki e Agualusa completaram o quadro.

No ano de 2011, foram tomadas as primeiras providências para o início do curso: (1) estabelecimento da parceria SED – UFSC, que aconteceu através da assinatura de um documento pelas professoras Gilda Mara Marcondes Penha, diretora de Educação Básica da SED e da professora doutora Eliane Santana Dias Debus, do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. (2) Envio de Comunicação Interna às 36 Gerências de Ensino de Estado, convidando os professores de Língua Portuguesa a se inscreverem no curso de capacitação. (3) Abertura de um curso no Educad, do Portal da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina.

Após estas providências foi iniciada a seleção dos participantes do curso.

## 2.2. Chamada dos professores para o curso.

A pré-inscrição para o curso teve início em 28 de março de 2011. Quatrocentos e

---

<sup>1</sup> O texto “Panorama Da Literatura Afro-Brasileira” de Edimilson de Almeida Pereira se encontra no Literafro é um site, local em que se encontra. O texto não faz nenhuma referência a data de sua publicação. O



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

setenta (470) professores se inscreveram para concorrer a cem (100) vagas. Os critérios de seleção foram: (1) Professores de Língua Portuguesa efetivos na rede pública estadual; (2) Professores de diferentes Gerências de Ensino – o número por Gerências ficou condicionado ao número de escolas, quanto mais escolas tivesse a Gerência, mais vagas ela teria – atendendo, no mínimo, dois professores por Gerência. (3) Análise de respostas dadas ao questionário de pré-inscrição.

Foram selecionados cem (100) professores de trinta e três (33) das trinta e seis (36) Gerências do estado, sendo que as outras três não apresentaram candidatos.

### 2.3. Da construção do curso

O esboço do curso começou a ser traçado em 2010. Em 2011, os textos e as atividades começaram a ser definidos, a partir de um planejamento inicial com previsão de módulos e atividades. Para cada módulo foi pensado objetivo, atividades e carga horária.

Este primeiro planejamento sofreu alterações de datas, devido a burocracia que envolve despacho de CIs pela Secretaria de Estado e análise das atividades, adequando-as de modo que pudessem se aproximar mais do cursista.

A produção aconteceu primeiramente no plano da abstração e foi criando forma, nas conversas com a responsável pela inserção do curso no Educad, as idéias foram se concretizando: a escolha das imagens, o layout, as ferramentas que seriam utilizadas em cada módulo. Num segundo plano, não distanciado, aconteciam as discussões pedagógicas sobre a eficácia das propostas. Cada escolha foi pensada, planejada, revisada, antes de chegar a ser publicada no espaço do curso.

O curso desenhado está sempre aberto a modificações, nunca está pronto. O módulo desenhado apenas se concretiza na data de abertura para os cursistas.

O curso, que recebeu o título *A literatura no contexto da sala de aula: trabalhando com contos*, teve início no dia 18 de abril de 2011, com previsão de término para 27 de julho de 2011.

A seguir, será apresentado um resumo dos módulos que já estão abertos e o envolvimento dos cursistas no desenvolvimento das atividades.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

### 2.3.1 – O módulo 1 em prática

No dia 18 de abril iniciamos o curso com noventa professores. Destes oitenta participaram do fórum de abertura, apresentando-se e expondo suas expectativas sobre o curso. Algumas anotadas abaixo:

- Olá colegas,  
Estou muito feliz de estar nesse grupo.  
Sou professora do Fundamental 2 e do Ensino Médio da EEB K V R em Blumenau. Fiz o especialização em Estudos Literários da FURB e estou concluindo o curso de Mestrado em Literatura da UFSC.  
A troca de informações com profissionais que tem um objetivo semelhante ao meu: melhorar a prática de sala de aula e ampliar meus conhecimentos.  
Bom curso a todos e muito sucesso.
- Olá, pessoal! Sou Y, leciono Inglês e Português na EEB " Y X Z", em Joinville.  
Adoro literatura e tenho um carinho muito especial pelo conto, seja ele qual for. Por ser uma leitura rápida, mas nem por isso menos importante, eles deveriam ser usados sempre que possível no início de uma aula.  
Lembro de uma professora na faculdade que geralmente começava sua aula de Teoria da Literatura com um conto da Marina Colassanti. Aqui me encantava!  
Espero trocar muitas experiências e construir conhecimento com meus colegas cursistas.
- Olá, pessoas, boa noite!!  
Sou R (Alemão) professor da E.E.B R P S e, honestamente, é muito gratificante fazer parte deste grupo.  
Parodiando Caetano, *gosto das pessoas nas pessoas...* e concordando com ele, "Minha pátria é minha língua". Podermos traçar um "paralelo" entre duas literaturas de supostamente mesma língua será maravilhoso.  
Grande abraço!  
R.
- Sou a Professora M, de Dona Emma. Sinto-me feliz em ter conseguido a chance de aprender mais. Trabalho há mais de 20 anos dentro de sala-de-aula e quanto mais o tempo passa, mais reconheço a importância do meu trabalho e desejo muito adquirir mais conhecimento, pois tenho certeza de que nossa clientela merece ter profissionais cada vez melhor qualificados e capazes de atender todas as suas necessidades, sejam elas quais forem...Estou ansiosa para trabalhar o conto mais intimamente, uma vez que já vi inúmeros deles nascerem durante minhas aulas e cada um deles deu-me a certeza de que quando se escreve um conto, nosso "eu" viaja por mundos desconhecidos guiado pela imaginação, libertando criatividade em doses cavalares e na hora de delimitar é que dá problema, pois nossos jovens são muitos criativos, no entanto não gostam quando estabelecemos os limites necessários para manter pelo menos um pouco de lógica em cada produção. Enfim, há muito para aprender e não vejo a hora de começar! Boa sorte a todos!

Esses comentários, bem como os demais que compõem o fórum de apresentação, denunciam o desejo e o entusiasmo dos professores e professoras na participação do curso.

Na sequência, o módulo 1, trouxe a contação de história “A menina que fazia azeite de Dendê”, feita por Augusto Pessoa<sup>2</sup>. A contação permite que os cursistas

---

<sup>2</sup> A contação foi apresentada através do YOUTUBE,



embarquem no curso a partir de uma história africana e que esta abra o universo que liga ficção e realidade. Trazer o maravilhoso a partir do continente africano foi proposital, uma vez que o curso tem como um de seus focos a literatura angolana.

### 2.3.2. O conto no módulo 2

O módulo 2 tem por objetivo apresentar um pouco da teoria do conto, que foi trazida em texto escrito especialmente para o módulo, tendo por base, principalmente, o livro de Nádya Gotlib “Teoria do conto”. A partir do texto, os cursistas responderam a uma interpretação de texto. A apresentação de “pitadas teóricas” sobre o conto foi uma forma de interagir com os cursistas, reavivando o conhecimento dos mesmos sobre esse gênero narrativo.

Neste momento procura-se mostrar aos cursistas que, a história do conto está muito relacionada com a própria prática de contar histórias. Esta prática parece residir num passado tão distante, de modo que não se consegue datar o início deste processo. Gotlib (1985) lembra que a história sempre reuniu pessoas, “... em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, [...]” (p. 5). Esta mesma autora destaca que “Embora o início *do contar estórias* seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, [...]” (IBIDEM, p. 6). Neste caminhar ao longo da história, o conto foi entendido “como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitido de gerações a gerações”(Luzia, 1984 p. 8) que vai se transmutando e vai “adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor.” (IBIDEM)

Gotlib (1985) ao tratar do conto retoma as três acepções utilizadas por Julio Cortázar quando do estudo da obra de Edgard Allan Poe, isso é, o conto como “1) relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las.” (p. 11)

O contar histórias, ligado a oralidade, está também ligado a transmissão de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

conhecimentos. É sabido que por meio da oralidade os ensinamentos eram passados as gerações futuras, as *experiências* eram repassadas, não se perdiam, não eram degradadas. Góes (1984) nos lembra que “amas de leite, rapsodos e educadores transmitiam de viva voz a infância, primeiro na Grécia, depois em Roma, as tradições de seus antepassados.” (p.63)

O conto, inicialmente ligado as narrativas orais passa a registro escrito, ao contrário do simples relato não está atrelado à realidade, é ficção. Gotlib nos lembra que “A voz do contador, seja oral, ou seja, escrita, sempre pode interferir no seu discurso.” (1984, p. 13)

O conto, apesar de aparentemente simples, esconde uma complexidade enorme. Gotlib (1984) lembra que ele está entre as narrativas mais antigas e ao mesmo tempo diz que “Vários atentam para a dificuldade de se escreverem contos. Machado de Assis, por exemplo, manifesta-se em 1873: “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade”. [...]”, Mário de Andrade lembra que “[...] em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto” (p. 9) e Júlio Cortazar “[...] esse gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos.” (p. 10).

As informações acima sobre o gênero narrativo conto fazem parte do texto teórico apresentado aos cursistas que, após a leitura, são convidados a realizar uma tarefa de interpretação.

Imbuídos dessas, dentre outras reflexões sobre o conto, os cursistas são convidados a ir da teoria (apresentada no módulo 2) à prática, a leitura dos contos, no módulo 3.

### 2.2.3. Horas de conto no módulo 3

O módulo 3 traz os doze contos, são eles: Olhos d'água e Zaita esqueceu de guardar os brinquedos, de Conceição Evaristo; A descida, de Júlio Emílio Brás; Uma furtiva lágrima, de Nei Lopes; Boneca, de Cuti; O menino e o livro, de Georgina Martins (contos de escritores e escritoras brasileiros); Nós choramos pelo cão tihoso e Palavras para o velho abacateiro, de Ondjaki; Discurso sobre o fulgor da língua e Falsas recordações felizes, de Agualusa; Os dois Amigos, de Maria Celestina Fernandes e Zito Makoa, da 4ª classe, de Luandino Viera (contos angolanos).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Quando da escolha dos contos, os escritores foram procurados na Internet. Na busca desses, foram encontrados os seguintes contos disponíveis online: Boneca, de Cuti; Os dois amigos, de Maria Celestina Fernandes; Falsas recordações felizes, de Agualusa. Os demais contos foram enviados pelos escritores digitalizados para serem utilizados no curso, com exceção do conto de Luandino Vieira, sobre este, os cursistas receberam o seguinte comunicado:

Ficamos tristes quando não conseguimos contactar o escritor Luandino Vieira. Por outro lado, ao saber que o livro “**Contos africanos de língua portuguesa**” foi enviado às escolas brasileiras pelo Plano Nacional de Biblioteca nas Escolas (PNBE), ficamos muito felizes, pois este livro permitirá que você, bem como todos os professores das escolas públicas do Brasil, possam ter contato com este conto de Luandino Vieira, além de possibilitar o conhecimento de outros escritores angolanos, moçambicanos, cabo verdeanos... Bem, é isso. O conto não se encontra digitalizado, mas esta é a oportunidade para você conhecer o acervo do PNBE da sua escola e encontrar o livro “**Contos africanos de língua portuguesa**”. O conto “Zito Makoa, da 4ª classe” faz parte desse livro distribuído pelo PNBE 2010/2011.

Para garantia dos direitos autorais, foi enviado e-mail aos autores solicitando a utilização dos contos para fins pedagógicos pelos cursistas em suas salas de aula. O retorno dos autores e a informação dos contos que se encontram on-line foram postados no curso e enviado a todos os cursistas para conhecimento.

No desenvolvimento do módulo 2, alguns professores enviaram mensagens informando a dificuldade em encontrar o conto de Luandino Vieira, este fato fez com que um novo conto fosse incorporado ao rol dos acima citados, “Violência” de João Melo. Os cursistas foram informados da mudança e que poderiam encontrar o referido a pagina 117 do livro *Como se viver fosse assim*, disponível on-line no site da União dos Escritores Angolanos (esta troca foi feita com o módulo em andamento).

Dentre as atividades desenvolvidas neste módulo encontra-se uma relacionada a escolha de contos para ilustração: Foi solicitado aos cursistas que escolhessem dois contos para ilustrar. Esta atividade demonstra o primeiro envolvimento dos cursistas com os contos lidos. Oitenta e dois cursistas enviaram esta tarefa. Os contos brasileiros se destacaram. Dentre os contos brasileiros escolhidos estão “O menino e o livro”, de Georgina Martins (61 cursistas); “Boneca”, de Cuti (46 cursistas), “Olhos d’água” de Conceição Evaristo (43 cursistas). Dentre os contos angolanos, “Dois amigos” de Maria Celestina Fernandes (36 cursistas); “Falsas recordações felizes”, de Agualusa e “Nós choramos pelo cão Tinhoso” de Ondjaki (7 cursistas).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Durante o desenvolvimento deste módulo, algumas mensagens enviadas no fórum “Jogando conversa fora” mostram a reação dos cursistas ao contato com os contos:

Olhos d'água

por X, 1 maio 2011, 21:01

Um texto muito comovente. Fez-me lembrar de minha mãe.

Olhos d'água

por Y, segunda, 2 maio 2011, 23:41

Esse texto me deixou emocionada, parece que sou eu falando de meu pai. Ela tinha olhos de Mamãe Oxum, meu pai tem os olhos e a paciência do Preto Velho.

Outra atividade proposta foi a elaboração de um plano de aula, que deveria contemplar dois contos, sendo um brasileiro e um angolano, o cursista poderia elaborar dois planos, um para cada conto ou uni-los em um único plano. Setenta e cinco cursistas retornaram esta tarefa, sendo que apenas dezoito mencionaram a origem do conto ou apresentaram possíveis atividades dentro dos pressupostos da Lei nº 10.639. Nessa tarefa, os contos brasileiros que se destacaram foram: “O menino e o livro” (30 planos); “Boneca” (18); “A descida” (12) e os angolanos: “Os dois amigos” (40); “Discurso sobre o fulgor da língua” e “Nós choramos pelo cão tihoso” (12). A análise mais detalhada dos planos ainda está em processo.

#### 2.2.4. Teoria e prática no módulo 4

O módulo 4 tem por objetivo trazer aos cursistas textos sobre literatura afro-brasileira, literatura africana, com destaque para literatura angolana e o debate sobre o racismo no Brasil, possibilitando uma interlocução com os contos lidos no módulo anterior.

Para maior feedback sobre o envolvimento dos cursistas foi criado no início desse módulo, um fórum intitulado “interação virtual”. Segue, algumas mensagens dos cursistas:

**Contos africanos –**

por K - segunda, 23 maio 2011, 19:58

Estamos todos nós, participantes desse curso, sendo agraciados pelo prazer de estarmos lendo esses lindos contos africanos. Nossa língua portuguesa servindo de instrumento para estreitar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nossos laços com nossos irmãos angolanos através daquilo que eles têm para nos contar: histórias de um cotidiano árduo, nem sempre poético, que às vezes se cruzam com a nossa história. Agora é nossa missão transmiti-los aos nossos alunos

#### **Forum opcional- interação virtual –**

por J - segunda, 23 maio 2011, 16:11

Uma etapa se foi, com muito trabalho, com horas pesquisando e se aprimorando. Tudo é feito para o bem do nosso aluno.

A cultura afro-descendente está presente em nosso cotidiano e na escola. Temos feito todos os anos, no mês de novembro a Semana da Consciência Negra. Todos se envolvem na apresentação. É feito um teatro, jogos de palavras africanas que utilizamos e várias outras atividades.

Ver uma imagem do mestre da arte moçambicana Malangatana Valente Ngwenya só vai somando na cultura afro-descendente.

O curso continua me surpreendendo. Se agora é a vez da Razão, estou pronta para mais um desafio.

#### **Depoimento –**

Por W - segunda, 23 maio 2011, 14:39

Colegas cursistas;

Terminei meu curso de Letras em 1972, em plena vigência da ditadura militar. Os países de língua portuguesa africanos viviam o colonialismo português, então as condições de expressão literárias não eram diferentes. Em 1996, resolvi, através do Programa Magister, refazer a faculdade, mas não houve abordagem sobre o que se fazia nos países africanos. Com a implementação que obrigava as escolas a ministrar aulas sobre cultura afro-brasileira, um grupo de professores de minha escola resolveu sair a campo e pesquisar. Em novembro de 2006 promovemos a I Semana de Cultura Afro-brasileira, na EEB Dr. Paulo Medeiros, em Joinville. Em um trabalho interdisciplinar, professores e alunos de Língua Portuguesa, História, Artes, Filosofia, Geografia e Educação Física foram à busca de todas as informações possíveis para promoção do evento. Nesse momento tive meus primeiros contatos com autores como Agostinho Neto, Luandino Vieira, Mia Couto, Boaventura Cardoso, José Craveirinha, Rui Nogar, dentre outros. Nos anos subsequentes, a feira não foi realizada, pois não houve interesse da Direção da escola. Este ano, já estamos trabalhando para a promoção da II Feira de Cultura Afro-brasileira, e tudo aquilo que viver como forma de orientação e colaboração será extremamente valioso para nosso trabalho. Inclusive abriremos espaço para professores de outras unidades escolares do estado interessadas em participar. Muito há para se aprender, pois esta é uma área nova dentro da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura e, quem sabe, não sejamos nós, neste curso, os pioneiros no desenvolvimento de um trabalho que possa auxiliar futuros professores da área.

Um abraço a todos.

#### **Re: DEPOIMENTO**

por H, terça, 24 maio 2011, 23:10

Lendo as colocações dos colegas de curso fico encantada. Também não tive literatura afro na minha graduação nem na pós e confesso que é um dos assuntos com o qual ainda não trabalhei, me envolvo sempre com projetos de prevenção as drogas, sexualidade, transito e outros, mas ainda não trabalhei efetivamente nada relacionado a cultura africana.

Estou encantada com os contos. Gostaria de aprofundar mais meus conhecimentos.

Amei a sugestão da profe Maristela do dicionário de palavras de origem africana.

Mande-nos a bibliografia.

Também simpatizo com o comentário da profe Claudia, pois estamos bem decepcionados e num



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

momento desses bate uma desmotivação. Ver as atitudes dos professores fazendo trabalhos diferenciados, feiras, para incentivar os alunos a ampliarem seus conhecimentos. Desculpe não é o local, mas é um desabafo.

Um abraço a todos.

Re: Módulo 4 - Fórum interação virtual

por G - quinta, 26 maio 2011, 08:57

Estou gostando muito do curso. Escolhi dois contos e os apresentei aos meus alunos de ensino médio, ficaram emocionados! Eu também!!!

Re: Módulo 4 - Fórum interação virtual

por C - quinta, 26 maio 2011, 19:21

Oi, pessoal,

Quando me inscrevi no curso, tinha a expectativa de que seria somente um curso de Literatura que eu adoro. Hoje, estou mais do que satisfeita de participar de um curso desse nível on line. o melhor do curso foi interagir com os contos africanos e afro-brasileiros, cmo tambem na voz da cantora africana e na contacao de historias africanas.

Mergulho diariamente nesse uuniverso afro-brasileiro e africano nas minhas aulas de lingua portuguesa e nos meus projetos com a cultura negra. Muito obrigada `as professoras que se dedicaram a montar o nosso curso de forma tao eficiente e proveitosa.

As mensagens dos cursistas demonstram que os cursos de formação são necessários, principalmente quando temos uma Lei que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e torna obrigatório determinado conhecimento, como é o caso da Lei nº 10.639 de janeiro de 2003. As mensagens também denunciam as instituições formadoras que não apresentam a seus alunos e alunas uma leitura mais crítica da literatura brasileira, que enfatize a contribuição dos negros e não falam de literatura africana. Portanto, é importante ressaltar que as formações são necessárias aos professores que já estão atuando, porém é urgente que os currículos das instituições formadoras tenham a preocupação de inserir disciplinas que garantam aos que estão nas licenciaturas este conhecimento, caso contrário esta lacuna nunca será preenchida.

O módulo 4 é o módulo mais denso do curso, no início apresenta um questionário, dentre as perguntas levantadas está a do conhecimento da Lei 10.639 e a solicitação para que os cursistas se autodeclarem. Cinquenta e quatro cursistas responderam ao questionário (esta atividade ainda está em aberto), desses, trinta e oito declararam conhecer a Lei, dez disseram não conhecer e seis não responderam essa pergunta. Com relação a autodeclaração, vinte e oito se autodeclararam branco; quatro, negro; dois, brasileiro; um, gente; as demais autodeclarações vieram compostas de justificativas e comentários.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As justificativas dos cursistas denunciam a problemática da autodeclaração no Brasil. Osório (2004) afirma, ao tratar do sistema classificatório feito pelo IBGE

Alega-se frequentemente que a classificação racial é pobre em face a riqueza do vocabulário empregado pelos brasileiros para designar sua identidade racial. (p. 114)

A classificação geral dos professores pode ser enquadrada no modo binário, apresentado por Rosemberg (2007) e, que segundo Telles (2003) é o modo de classificação utilizada pelo “movimento negro, cada vez mais adotado, que geralmente usa os termos negro e branco.” (p. 105)

Telles lembra que

Ativistas do movimento negro sustentam que, diferentemente dos Estados Unidos, no Brasil, o uso popular e oficial de múltiplas categorias de cores e uma hierarquia não-oficial na qual pardos são superiores aos negros, inibem a formação de identidade coletiva negra em torno da qual afro-brasileiros podem se organizar contra as discriminações e a exclusão que sofrem. Dessa forma, alegam que a regra de uma gota de sangue no Brasil, se acaso existisse, seria revertida para significar que uma gota de sangue branco seria suficiente para evitar a classificação de alguém como negro. (IBIDEM, p. 110)

No questionário o modo popular múltiplo não foi detectado, porém, os cursistas fizeram declarações justificando o fato de se autodeclararem brancos.

- *Como tenho traços mais de minha mãe, me considero branca.*
- *Descendente de alemães e poloneses, branca.*
- *Sou branca, mas não nego a miscigenação existente em minha ancestralidade.*
- *Sobrevivente, educadora, humana, mulher, cuja cor da pele em nada interfere em minha capacidade, honestidade, criticidade de cidadã.*
- *Uma pessoa, brasileira. Sou branco, negro, pardo, indígena, alemão, português, ou qualquer outra etnia que de uma forma ou de outra caracterizou minha forma de ser, meus costumes, minha cultura. Sou um misto, uma parte de cada um deles. O sangue de todos nós é vermelho.*
- *Branca. Mas, como diria Arnaldo Antunes e Chico Science, “Inclassificável”:*  
(...)  
*que preto branco índio o quê?*  
*branco índio preto o quê?*  
*índio preto branco o quê?*  
*aqui somos mestiços mulatos*  
*cafuzos pardos mamelucos sararás*  
*crilouros guaranisseis e judárabes*  
(...)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

No caso, dos poucos que se autodeclararam negros, encontramos também uma justificativa

*- Sou preta, porque tenho o orgulho de ter em minhas veias o sangue do corajoso africano, embora um de meus avós seja alemão.*

Na autodeclaração dos cursistas alguns dizem nunca terem sido questionados a respeito de sua identidade “étnica”. O questionário abre o módulo que discute literatura afro-brasileira e angolana, racismo e ações afirmativas no Brasil, desta forma, as reflexões feitas no questionário objetivam auxiliar o cursista a se apropriar dos conteúdos que serão trabalhados. Por outro lado, cabe ressaltar Rosemberg (2007) que nos apresenta

[..] a introdução, pela primeira vez, do quesito cor/raça no Censo Escolar 2005, organizado pelo Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – MEC/Inep. Com efeito, respondendo a antigas reivindicações, o MEC/Inep, com apoio da Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial – Seppir –, incluiu no questionário do Censo Escolar 2005 – denominado “Mostre sua raça, declare sua cor” – um campo sobre cor/raça. (p. 761)

Este dado, reforça a importância dos professores pensarem qual seu posicionamento, uma vez que este questionamento está inserido no contexto escolar.

Além do questionário, o módulo traz os textos “Panorama da Literatura Afro-Brasileira” de Edimilson de Almeida Pereira e “Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção” de Eduardo de Assis Duarte; o vídeo “Café com leite (água e azeite) e dois textos sobre a literatura africana, com foco na literatura angolana.

Duarte (2007) e Pereira (sem data) proporcionam aos cursistas um panorama da literatura afro-brasileira. O texto de Duarte mostra que “algumas constantes discursivas se destacam e têm sido utilizadas como critérios de configuração dessa literatura.” Fala da temática, autoria, ponto de vista, linguagem, público leitor; que certamente auxiliarão os cursistas a pensarem os contos lidos e os textos literários em geral a partir de uma nova perspectiva. Neste texto Duarte revisita escritores consagrados da nossa literatura, bem como os “invisibilizados”.

Pereira cita dois critérios que, segundo ele, têm sido utilizados para designar a literatura afro-brasileira “o critério étnico (que vincula a obra à origem negra ou mestiça do autor) e o critério temático (que identifica o conteúdo de procedência afro-brasileira



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

como caracterizador da Literatura Afro-brasileira.” Alertando os leitores sobre a limitação desses critérios. Apresenta diversos escritores afro-brasieiros.

Sobre o contato com os textos, um dos cursistas escreve:

Re: Módulo 4 - Fórum interação virtual - Resistência e luta

por B, quinta, 2 junho 2011, 15:02

Olá, colegas cursistas!

De fato, o curso tem sido produtivo em todos os sentidos, tanto nas múltiplas viagens proporcionadas pelos contos do módulo anterior, quanto pelas reflexões que os textos de Eduardo de Assis Duarte e Edimilson de Almeida Pereira. Não tive na graduação discussão alguma sobre uma Literatura Afro-brasileira, mas acredito firmemente que a partir do curso poderemos implementar com maior bagagem esta importante parte da Literatura Brasileira em nossas aulas.

Os cursistas, em sua maioria, reconhecem que os escritores são apresentados por Duarte e Pereira de maneira diferenciada e que não tiveram essa abordagem na graduação.

O curso segue, promovendo a interação entre os cursistas e proporcionando aos mesmos a possibilidade de rever seus conceitos teóricos, repensar suas práticas e, principalmente, oferecer uma literatura revisitada aos seus alunos.

### 3. Dos encaminhamentos

O curso está atrelado a Lei 10.639 desde sua concepção, talvez até, antes desta. Concebido e em andamento, será aproveitado na tese de doutorado da professora/tutora do curso Maria Aparecida Rita Moreira. Pensando na possibilidade dessa utilização, foi solicitado no ato da inscrição permissão aos participantes para que o material construído pela coordenação do curso e ampliado com a parceria dos cursistas pudesse ser analisado e publicado. Desta forma, todos os módulos serão examinados, as contribuições serão observadas, procurando-se investigar vestígios da teoria apresentada no curso na construção de uma prática diferenciada. A primeira etapa do curso deixa claro que as literaturas afro-brasileira e africana estiveram e continuam invisíveis nos currículos oficiais da maioria das instituições formadoras do nosso país e generalizadas nos Planos Políticos Pedagógicos das escolas e Planejamentos anuais de muitos professores e professoras de língua Portuguesa.

A análise do curso, como o próprio curso, encontra-se em andamento, sendo que o término do mesmo está previsto para 26 de julho. A importância e relevância do curso é sua concretização, que possibilita, aos professores e professoras da rede pública



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

estadual de Santa Catarina, o contato com alguns escritores angolanos; permite que esses profissionais revisitem escritores brasileiros consagrados e conheçam escritores afro-brasileiros de ontem e de hoje.

Dentre os encaminhamentos previstos para a implementação da Lei 10.639 na rede pública estadual de Santa Catarina está a de formar tutores para que se possa reeditar o curso, atingindo, assim, maior número dos professores de língua portuguesa do referido estado.

Ao iniciar essa formação com os professores tinha a certeza, e ainda tenho, que silenciar já não é mais possível, é preciso ecoar, por isso concluo lembrando Martin Luther King Jr.

*O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons.*

Referências:

DUARTE, E. de A. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção.** (Literafro) Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/frame.htm> Acesso em 25 de dezembro de 2010

GÓES, L P (1984). *Introdução à literatura infantil e juvenil.* 2 ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1991.

GOTLIB, N. **Teoria do Conto.** São Paulo Ática, 2006 11 .ed. Disponível em: C:\Documents and Settings\Usuario\Desktop\10639\doutorado\simone\curso literatura\Nadia-Battella-Gotlib-Teoria-do-Conto.htm. Acesso em 20 de janeiro de 2011.

PEREIRA, E de A. **Panorama da Literatura Afro-Brasileira.** Literafro Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/frame.htm> Acesso em 25 de janeiro de 2011.

ROCHA, E J da; ROSEMBERG, F. **Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as).** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 759-799, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a1237132.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2011.

TELLES, E E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica.** Tradução de Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro. Relume Dumará: Fundação Ford. 2003.